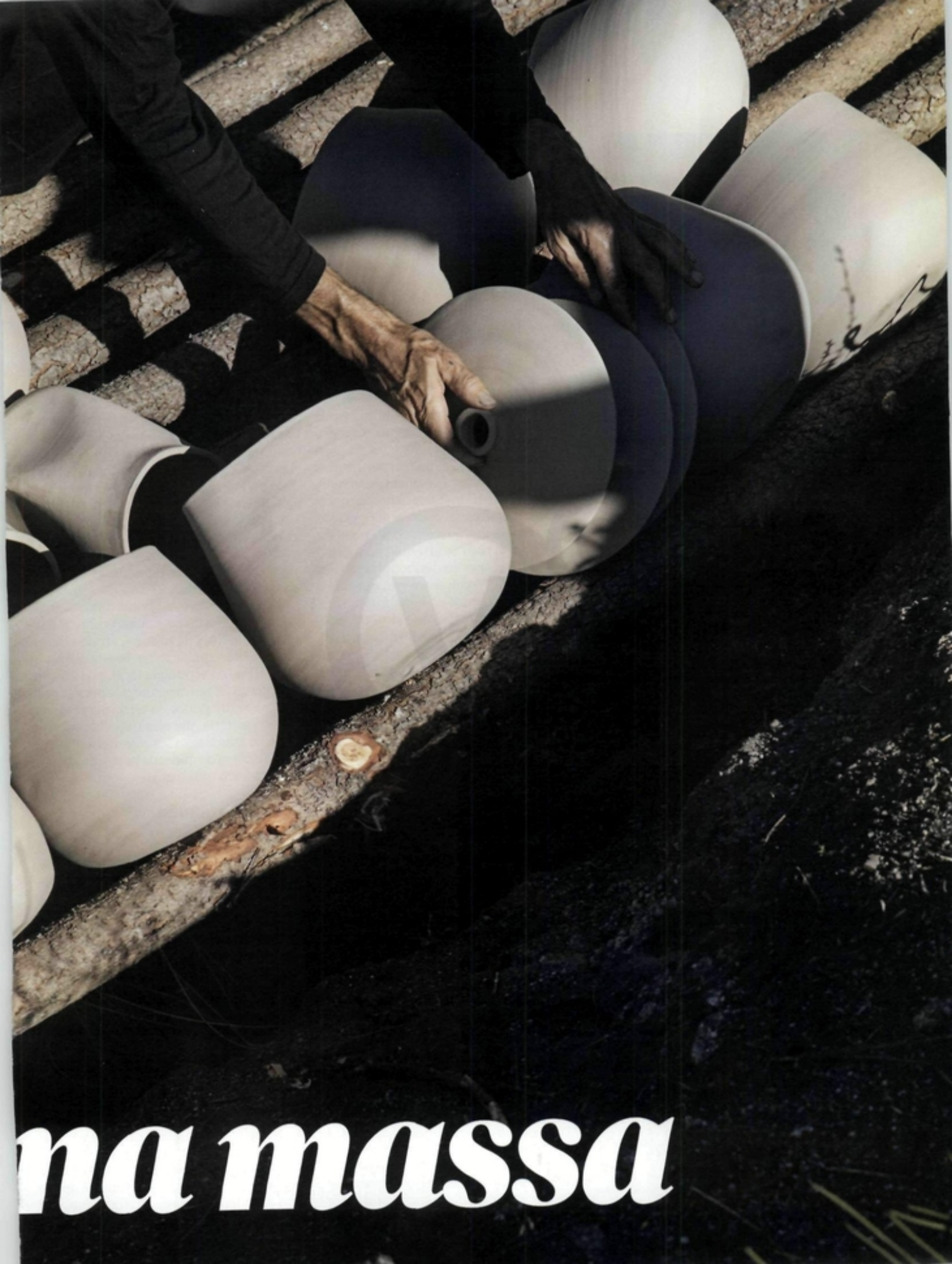
Tectos trabalhados, *abat-jours*, tapetes, jarras, vasos, difusores, tudo feito à mão. Uma herança secular que ganha novas formas com uma geração de artesãos que reinterpreta o território nacional. Às matérias-primas junta técnica e tempo e, assim, surgem peças de design utilitárias que estão por toda a casa. A pandemia concentrou as atenções na terra, é uma oportunidade de se afirmarem. Está nas suas mãos

SANDRA NOBRE *texto*

Artesanato, com as mãos



na massa

SANDA VUCKOVIC

Em Molelos, Noé Duchaufour-Lawrance teve contacto com a cerâmica negra e, com a ajuda de mestres ceramistas, lançou mãos ao barro e desenvolveu uma ideia que agregou a comunidade local.

Pouco ou nada mudou com a pandemia na vida deles. Os artesãos, ceramistas, tecelões, cesteiros, marceneiros, tantas vezes a laborarem sozinhos, continuaram mergulhados no seu silêncio, a dar forma à sua arte. É um Portugal que se vai descobrindo, agora mais com o turismo interno.

A proximidade deixa a descoberto a forma como trabalham, conversa puxa conversa e assim se dão a conhecer vidas que foram criando artefactos e objectos pela necessidade. É esse o Portugal Genial, de que fala Carlos Coelho, primeiro no livro e, desde 2015, numa associação com o mesmo nome, que visa apoiar o desenvolvimento da economia pelas artes, incentivando projectos alinhados com as características endógenas do país. Activista das causas e das marcas portuguesa, o designer defende o "artesanato de *terroir*", autêntico, que tem agora uma janela de oportunidade. "As crises, tal como as guerras, são factores de redefinição identitária e pode ser uma vantagem para os artesãos, ao mesmo tempo que se espera a desmobilização das cidades", diz. É o voltar à terra, que fala à essência dos territórios e à sua afirmação única e diferenciadora. "Um edifício é tão mais sólido, mais alto e mais eterno quanto a sua estrutura. O artesanato, enquanto espectro funcional e artístico, são os vários pilares da nossa identidade, e são fortes."

Esta riqueza imaterial é observada no terreno durante o fim-de-semana residencial do programa executivo de Gestão de Luxo, da Católica Lisbon Business & Economics, que completa dez anos no próximo ano. Mónica Seabra Mendes, a coordenadora do curso, chama-lhe "uma visita aos bastidores do luxo", que na edição que está a decorrer já passou pela ROM Boats, de embarcações feitas à medida, em Aveiro; ou pela Vista Alegre, onde as porcelanas ainda têm uma forte componente artesanal. "Estamos a avançar numa nova tendência que valoriza o 'ser' em vez do 'ter', as experiências, o bem-estar, o espaço privado, algo que não é tão visível aos olhos dos outros, que não se mostra", contextualiza. As marcas estão cada vez mais conscientes dessa mudança e vão "beber à fonte" dessa inspiração, é o que o curso promove junto dos formandos. A casa entra nesta nova dimensão do luxo, espaço íntimo, que o teletrabalho deixou um pouco a descoberto e pediu mais atenção, não promovendo o consumo desenfreado, mas juntando utilidade e design.

Em simultâneo, os jovens reclamam por sustentabilidade e vão mudando hábitos. A The Michelangelo Foundation, sediada em Genebra, Suíça, é uma organização não-governamental sem fins lucrativos que visa celebrar e preservar as artes e ofícios no mundo e estabelecer pontes com o design. No seu Homo Faber Guide (*homofaberguide.com*), que conta também com aplicações na Apple Store e Google Play Store, faz uma cartografia dos artesãos por país. Entre os nomes nacionais, está a escultora Iva Viana, que recuperou o trabalho em estuque, quase extinto no país. Não só encontram "jovens interessados em aprender artes e ofícios que estão a desaparecer, mas notam também a mudança de hábitos de consumo entre a geração Z, a querer comprar peças étnicas, sustentáveis, locais", defende Corine Pajet-Blanc, responsável de comunicação da fundação.

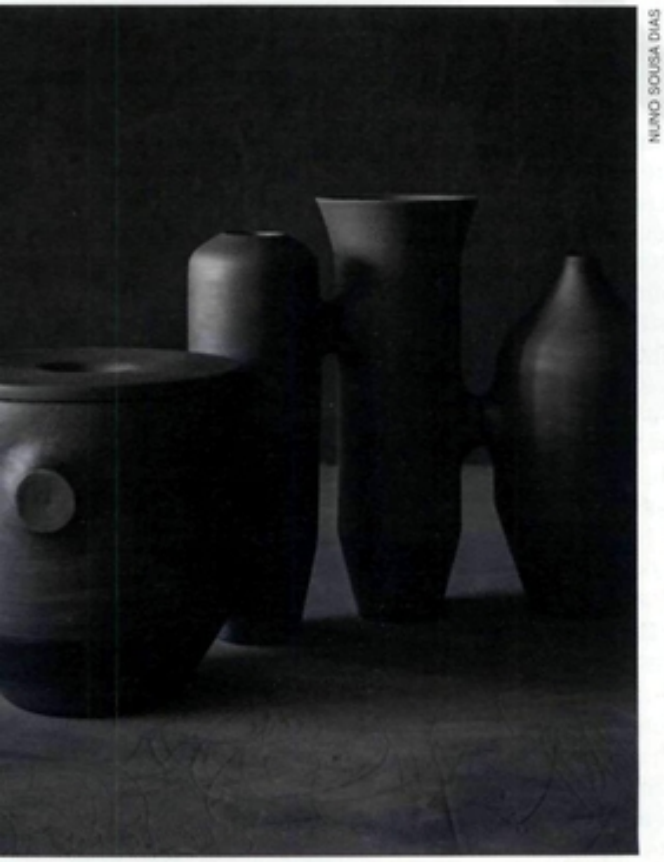
Em Portugal, contam com parceiros como a Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva ou o Museu de Arte Popular/Museu Nacional de Etnologia e a artista Joana Vasconcelos como embaixadora. "Os artesãos são o coração do ecossistema local e têm um papel vital. Este período é difícil para os 'fazedores' que dependem do turismo e das vendas, mas é uma oportunidade de se reposicionarem e conquistarem o público nacional. As pessoas estão ávidas de experiências e contacto com quem possam trazer esperança e beleza às suas vidas", acredita.

Os artesãos são essas peças fundamentais na salvaguarda do património cultural imaterial, guardiões da história, através de conhecimentos e práticas, no desenvolvimento sustentável da economia local, no turismo, em interacção com a natureza. Em cada peça respira-se um pouco da terra, sente-se nas mãos a matéria que eles trabalharam com mestria, tantos anos a aprender, a praticar, com a certeza de que cada peça é única, porque são feitas uma a uma.

Maria João Gomes: um oásis no deserto

Vive num apartamento, em São Brás de Alportel, no barrocal algarvio, mas é a campo que cheira em todas as divisões. Há palmas aqui e ali. "Não tenho propriamente um espaço de trabalho, uso a casa toda", diz Maria João Gomes. A neta, Índia, de quatro anos, corre na sua direcção: "Toma, avó, as tuas palmas." São dela e de quem as apanhar - afinal, para a maioria dos proprietários dos terrenos onde ainda existem, as *Chamaerops humilis*, comummente chamadas "palmeiras-vassouras", são vistas como invasoras e dão-lhas de bom grado. Ela agradece, são a sua matéria-prima.

Apanha as palmas, coloca-as a secar, volta-as todos os dias, recolhe-as, racha-as, pinta-as, trabalha-as. Antigamente, era entre as últimas chuvas do Inverno e as primeiras do Outono, mas com o tempo cada vez mais seco a sul, é entre Maio e Setembro que se faz a apanha da palma. Diariamente, →



NUNO SOUSA DIAS

Em Setembro, Noé abriu a Made in Situ, em Lisboa, onde cruza artesanato e design e reúne o processo criativo, emoções, sabedoria, território. "Esses valores são mais importantes do que o objecto em si e a obra", diz

ADRIANO MIRANDA

> ***[O estuque] é um trabalho muito sujo, não há romantismo, é preciso gostar, eu apaixonei-me pela matéria-prima e com o que me permite fazer***
> ***Iva Viana***

costumava estar no Museu do Traje a trabalhar aos olhos de todos e mostrar a sua arte, é lá que tem o seu *showroom*. Agora, está lá muito pouco devido às condicionantes que afastaram visitantes e turistas, mas em casa não se dá descanso. "O meu dia-a-dia é tão feliz, porque gosto do meu trabalho, que até vou dizer baixinho..."

Usa na mesma frase as palavras "orgulho" e "artesã", foi uma escolha quando se cansou de ser emigrante e uma doença a fez repensar o que queria para a sua vida. Tinha 42 anos, três filhos e vivera em França, Inglaterra, EUA, Egipto, Espanha. O apartamento herdado no Algarve, a terra dos pais, foi a resposta aos seus pensamentos. Com a mudança veio a curiosidade por aprender a técnica da empreita da palma e começou a fazer. Só tinha estudado até aos 18 anos, desistiu de Belas-Artes no 1.º ano, mas antes pintava e apanhou o jeito num ápice. Em 2015, oficializou o seu trabalho com a marca Palmas Douradas. No ano seguinte, o designer de moda Filipe Faísca viu algumas das suas peças e convidou-a a desenvolver acessórios para a colecção Retrospectiva, na 47.ª edição da ModaLisboa. "Há um antes e um depois do desfile. Foi um orgulho ver a empreita da palma, que sempre foi considerada uma matéria pobre, sair da serra e ganhar tanta visibilidade."

Anda com as mãos na terra, ainda mais feliz nas últimas semanas com uma novidade: "Estou a plantar 900 sementes, para começar, e vou ter uma plantação de palmeiras para ter a minha própria palma." É num terreno cedido em Castro Marim que está a semear esse sonho que a acompanha desde que abraçou a vida de artesã. Vai demorar dois ou três anos para ver os frutos do que →

Aos 42 anos, Maria João Gomes regressou à terra dos pais e aprendeu a fazer empreita. À técnica tradicional junta design, gosta de experimentar e inventar desenhos. E recebe encomendas de clientes como a Louboutin

agora deita à terra. Tal como o trabalho que faz, não pode ter pressa.

Não é constante, mas as encomendas vão surgindo. "Quando aconteceu o confinamento, estava a fazer 500 *abat-jours* para um hotel, não tive muito tempo para pensar na situação." No Verão, produz carteiras, cestos, chapéus, já o Inverno é propício a peças decorativas, tapetes, vasos. Gosta de experimentar, de inventar desenhos, de juntar design à tradição que aprendeu com os poucos que dominam a técnica e que são cada vez menos. "Muita gente vem aprender nos *workshops*, mas é um *hobby*." Maria João Gomes não compete com os preços baixos das peças produzidas em Marrocos e que estão por todo o Algarve: "São mais baratos, a palma comprada no estrangeiro também. Se um chapéu demora dez horas a fazer, leva mais 20 horas de preparação, dá muito trabalho, isso tem de estar contabilizado no preço." Quem compra fecha os olhos à origem, sobretudo a população local, "não valorizam, é como vender areia no deserto". São os turistas que se encantam. Foi assim que surgiu também o interesse do designer francês Christian Louboutin, para quem desenvolveu uma técnica de entrelaçado que já registou, a espiral. "Fiz várias peças de estudo, fui a Paris, mas algumas condicionantes fizeram que optasse por não assinar contrato com a marca", diz.

Entretanto, trabalhou com outra marca internacional, que não revela, pelo sigilo a que é obrigada: "Desenvolvi protótipos, muitas vezes é para isso que me procuram, depois outros executarão. Mas eu aprendo, invento, pratico." Vê uma oportunidade em tudo: "Não me importo, é sinal de que o meu trabalho é bom." Em Outubro, os seus chapéus voltaram à *passerelle*, no Portugal Fashion, a convite de Maria Gambina, com as propostas para o Verão de 2021. "É importante este tipo de parcerias. É nestes lugares que a empreita tem de estar, é para isso que trabalho, para lhe dar o valor que deve ter. Não tem de ser só um cesto, fica bem na parede e em tapetes maiores como os que fiz para um palácio na Avenida da Liberdade, lindos, a contrastar com a decoração moderna, casam muito bem."

Noé Duchaufour-Lawrance: onde há fumo, há fogo

Nasceu em 1974, em Mende, no Sul de França, um lugar pequeno no meio de nada, muito em voga entre os que reclamavam a liberdade, na década de 70 do século passado, e o seu pai era um desses *hippies*. Foi educado a respeitar as pessoas e o ambiente. A infân-

cia de Noé Duchaufour-Lawrance, passada em Inglaterra, foi, no seu entender, entediante, o que fez despertar nele o lado mais criativo, pequenos contributos que culminariam num percurso reconhecido e premiado internacionalmente, enquanto designer de produto e de interiores. Assinou o frasco para o perfume Lady Million, de Paco Rabanne; mobiliário para Zanotta, Ligne Roset, Bernhardt Design e Hermès; o chalé La Transhumance, nos Alpes; o Restaurante Sketch, em Londres; o Senderens, em Paris, numa colaboração com a Baccara; lojas Montblanc, *lounges* da Air France. A lista é interminável. E eis que em 2017 se instala em Lisboa, onde vive, apesar de manter um estúdio em Paris e das constantes viagens pelo mundo.

No final de Setembro, abriu a Made in Situ, no número 16 da Travessa do Rosário, em Lisboa, uma plataforma de trocas interdisciplinares que cruza artesanato e design e reúne o processo criativo, emoções, sabedoria, território. "Esses valores são mais importantes do que o objecto em si e a obra", sublinha o designer. "Durante o processo criativo esquecemo-nos da humanidade e é altura de nos conectarmos, agora é o momento. Pensadores, cientistas, artistas, todos devemos trabalhar no mesmo sentido, um movimento global para projectar o futuro."

Apaixonado pelo que faz, não descarta o interesse e a satisfação pessoal, mas quer alargar o espectro aos que encontra pelo caminho. As suas deambulações levaram-no de norte a sul de Portugal, à descoberta de paisagens, matérias, pessoas. Os artesãos tornaram-se uma fonte de inspiração e com eles estabeleceu uma colaboração alimentada pela troca: "Todas as mãos em uníssono, a mão que idealiza e a mão que realiza, entre as oficinas dos artesãos e o estúdio." Barro Negro é a primeira exposição, a materialização da ideia.

Na serra do Caramulo, em Molelos, teve contacto com a cerâmica negra feita à mão pela técnica de cozedura soenga, que remonta aos tempos do Neolítico, em que as peças, depois de pré-cozidas em chamas abertas, são enterradas no solo com lenha a arder, a cova é coberta com turfa, criando uma cúpula com pequenas aberturas por onde o fogo se alimenta. A cor negra resultante é do processo alquímico que acontece. Noé conheceu os mestres ceramistas Xana Monteiro e Carlos Lima, da Barraca dos Oleiros, e com eles lançou mãos ao barro e desenvolveu esta ideia que agregou a comunidade local. O filme que passa na Made in Situ tenta transportar o visitante, passar-lhe as sensações que experimentou, ainda que não se sinta o cheiro da lenha queimada, o calor do fogo. Os Va- →

> ***Foi um orgulho ver a empreita da palma, que sempre foi considerada uma matéria pobre, sair da serra e ganhar tanta visibilidade***
>
> *Maria João Gomes*

sos Circulares (conjunto de 12 vasos), as Formações da Terra (candeeiros), as Chamas Enterradas (difusores) são um tributo às raízes e ao património local.

Por cá, aprendeu a desacelerar. "Tudo demora o seu tempo em Portugal", ironiza. Foi a natureza omnipresente que definiu a geografia, depois saiu do estirador e de trás do computador para estar *in situ*, pisar a terra, conhecer as pessoas. E mesmo quando sozinho e o seu parco português não o deixa dizer muito, consegue comunicar pela paixão, pelo encantamento, pelo interesse em ouvir a história do outro. "Muitos lugares na Europa já estão saturados de informação, em Portugal há espaço para estes projectos, falta reconhecimento, transmissão do conhecimento para as novas gerações, há muito a fazer", acredita Noé.

Traz a natureza para as suas obras, juntando mais mãos às suas. Anda às voltas com um candelabro em bronze de Peniche e durante o processo quis juntar-lhe velas e está a informar-se sobre a cera e as abelhas, tão ameaçadas pelos fogos e a poluição, que se tornaram o tema principal. "Cada projecto é um meio para estudar, para tocar uma matéria, para me confrontar com um problema, encontrar uma solução", diz. Mesmo quando aceita trabalhar com marcas internacionais, tem de sentir que envolve pessoas tão apaixonadas pelo que fazem como ele, o fogo que arde sem se ver, como acontece agora que está a colaborar com uma das maiores marcas de pianos. "Não quero trabalhar apenas para dar o meu nome a um projecto, tem de ter um propósito."

Tal como para um pianista, as suas mãos são a ferramenta de trabalho, por isso inquieta-se quando pratica esqui ou *kitesurf*. "Devia cuidar mais delas...", reconhece.

Iva Viana: a favor da maré

A beleza de um estuque a decorar um tecto contrasta com o trabalhar do gesso que lhe dá forma. "É um trabalho muito sujo, não há romantismo, é preciso gostar, eu apaixonei-me pela matéria-prima e com o que me permite fazer", diz Iva Viana, que antes tinha vivido numa casa toda estucada e nem se dera conta. A paixão surgiu, inesperadamente, após terminar o curso de Belas-Artes, no Porto, quando fazia planos para sair do país. Um convite para ser técnica de escultura numa fábrica em Barcelos possibilitou o primeiro contacto com o estuque. Esteve seis anos nessas funções, executando à risca os projectos que solicitavam e, se aprendeu muito sobre a matéria, não tinha espaço para a criatividade. Criou peças para os hotéis Four Seasons, em Londres, e o Shangri-La, em Paris, e navios da Disney Cruise Line, trabalhos que eram implementados no local, pelo que só os via peça a

UGO CAMERA

Em 2016, o trabalho de Maria João Gomes chegou à ModaLisboa, pela mão de Filipe Faísca. Em Outubro, os seus chapéus voltaram à *passerelle*, no Portugal Fashion, a convite de Maria Gambina

"É importante este tipo de parcerias", diz Maria João, a respeito das pontes com o mundo da moda. "É nestes lugares que a empreita tem de estar, é para isso que trabalho, para lhe dar o valor que deve ter."

UGO CAMERA

peça. O desgosto maior era quando tinha de assinar o nome de outros no trabalho que fazia: "É frustrante, chorei muito." Isso afastou-a da fábrica. "Considero-me uma artista, devo dar o meu nome ao meu trabalho."

Iva era remadora antes de entrar para a faculdade e não remou contra a maré, pelo contrário, deixou-se ir com a corrente. Regressou à sua terra, Viana do Castelo, resolvida a trabalhar por conta própria. Estava sozinha no mercado. Os clientes surgiram, arquitectos e designers de interiores que valorizam essa herança que, nas últimas décadas, "era escondida com tectos falsos, tesouros que se descobrem muitas vezes durante as obras". Passaram sete anos. Já não quer sair de Viana, passou a ver as vantagens, a qualidade de vida, o tempo. Voltou ao remo e deixa-se ir a favor da maré. O perto fez-se longe, a sua página do Instagram é uma montra para o mundo e é por essa via que chegam clientes de Inglaterra, Mónaco, Brasil, Estados Unidos. Ela é uma das artesãs portuguesas do Homo Faber Guide, da The Michelangelo Foundation, que reúne alguns dos melhores em cada país.

Após ter passado os primeiros cinco anos do negócio a investir em ferramentas e numa carrinha, vive do seu trabalho. Os arquitectos e os designers colaboram, discutem, ouvem as suas sugestões. Já lhe falta espaço nos 120 metros quadrados do *atelier*, para montar os *puzzles* com as diferentes peças que vai modelando entre as mãos, dando continuidade à herança dos mestres estucadores portugueses. Reinterpreta, experimenta processos modernos de fundição de diferentes matérias. É metódica, gosta de estar com vários trabalhos em curso, em simultâneo. Gosta do silêncio, de estar sozinha para criar. As mãos sujas no gesso a moldar formas parece quase brincadeira de crianças com a facilidade e a serenidade com que o faz. Não são só aplicações para edifícios, faz peças decorativas, flores, pratos. Há muito que queria passar para o exterior, o que está prestes a acontecer.

"Eu queria trabalhar as fachadas, ter o meu trabalho na via pública e estou muito feliz por poder fazê-lo mesmo aqui ao lado do *atelier*. São esculturas com cinco metros de altura, numa matéria compatível com o exterior. Nunca pensei ter tantas oportunidades em Viana." Ela devolve à comunidade a oportunidade, começou a desenvolver um projecto social com reclusos do Estabelecimento Prisional de Viana do Castelo para reproduzirem alguns objectos decorativos. "Testámos e estou muito contente com o resultado. Eles têm muito tempo e muita vontade, é uma forma de os reintegrar." Continua a remar, não se pode deixar desaparecer um património secular.